

# TEATRO NA LAVANDARIA

O Aos 41 anos de idade ainda não temos casa, casa digna, uma forma arquitectónica com teatro potencial, as formas da sua gestação, dentro – um barco sulca as ondas, um avião os céus, um edifício teatral é um interior desenhado para nele acontecerem as criações que a história do teatro consumou nas dramaturgias e o que o futuro sempre trouxe de novo – um novo irmanado produtivamente com a força dos legados. Os teatros foram centros de cidade. Reconhecendo a sua função civilizadora o nosso, ligado a Garret, surgiu no século XIX.

Temos um sítio onde trabalhar e transformá-mos, nós, um salão de festas de um edifício pensado para escola primária numa sala-estúdio. Somos originais, a tal batata do entroncamento é hoje uma regra.

Vem de longe essa precariedade dos “cómicos”, Cervantes bem o retrata e a vida cigana, de

terra em terra, foi modo de existir, somos orgulhosamente saltimbancos – mas não assaltantes de bancos. Mesmo os mais afortunados foram perseguidos, Molière ficou fora de muros católicos e o nosso Judeu foi queimado vivo.

Reivindicando outro modo de existir, no pós-guerra, espalharam-se pela Europa Centros de Criação Teatral Públicos. Os governos saídos da mortandade entenderam a cultura como um antidoto para o nazismo. A arte tem uma função social e a mais social das artes, o TEATRO, mais que as outras, pois é-lhe conatural. É essa dimensão crítica que é odiada nesta era em que o entretenimento virou uma ditadura ligada à sacrossanta economia e as tais “audiências” – amontoados humanos – uma religião.

O Sótão da Lavandaria do Hospital Termal foi um dos abrigos que inventámos – nele metemos

a nossa lança em África. Um abrigo estranhamente belo, pelo pé-direito — coisa que não temos na sala-estúdio — e pelo tecto em si, pelo tosco das paredes e pela estranha forma em L. Tem o sótão uma escala, uma forma, que se apropriou a uma série de espectáculos que nele inventámos — as arquiteturas interiores com potencialidades cénicas são também texto, condicionam pela forma as criações, tal como as palavras e os corpos.

Entre outros espectáculos foi no Sótão da Lavandaria do Termal que montámos uma estação de comboios — para A Estação Inexistente, de Pirandello/D'Onghia —, o que não poderíamos ter feito na sala-estúdio, onde só coube um de brincar. É um exemplo esclarecedor. Durante oito criações a cidade, com prazer inusitado, frequentou essa sala alternativa. Sabíamos-nos a prazo, como sempre, mesmo que o teatro tenha dois mil e quinhentos anos. Foi só usá-lo para que outros desígnios surdissem. É assim. José Gil explica bem esse mecanismo da psicologia portuguesa. Se as coisas que a nossa arte realiza são sobre desigualdades e violências, sobre assédio e reveladoras de verdades, elas

servem a mudança, desnudam sistemas de poder corruptos. Essa mudança é crítica e mental, vai no sentido da verdadeira mudança, a que traz igualdade, fraternidade e solidariedade. Aí a mediocracia, geneticamente ligada ao negócio e à circulação de dinheiros obscuros, reage. É nessa cultura que vivemos, graçolas, populismo rasca e deixa andar. Só que agora temos pela frente a possibilidade real de uma tomada do poder pelas forças obscuras que outrora impuseram ditaduras. Cá estaremos para exigir de novo a nossa liberdade pública de existir, o que no fascismo não aconteceu. Foram décadas de incultura e analfabetismo.

Diante de vós estão os materiais de diversa natureza que criámos nesse momento de abertura que coincidiu com o uso do Sótão da Antiga Lavandaria. Sempre era melhor que existir sobre uma cozinha, e de ter de fazer conviver Beckett e feijoadas à moda da tulha.

*Fernando Mora Ramos*



















**1** *A DANÇA DA MORTE* (2005), de August Strindberg  
Encenação de Fernando Mora Ramos  
Cenografia e figurinos de José Carlos Faria  
Na cena: Isabel Lopes, Victor Santos e José Peixoto  
Fotografia de Paulo Nuno Silva

**2** *ELLA* (Criação 1994, recriação em 2006 e outros anos), de Herbert Achternbusch  
Encenação e interpretação de Fernando Mora Ramos  
Direção do actor e dramaturgia de Isabel Lopes  
Cenografias — das diversas versões — de Fernando Mora Ramos, Isabel Lopes e José Carlos Faria  
Cabeleira de penas de Isabel Lopes  
Na cena: Fernando Mora Ramos  
Fotografia de Paulo Nuno Silva

**3** *A ESTAÇÃO INEXISTENTE* (2007), de Luigi Pirandello e Rocco D'Onghia  
Encenação de Fernando Mora Ramos  
Cenografia e figurinos de José Carlos Faria  
Na cena: Carlos Borges e Isabel Lopes  
Fotografia de João Tuna

**4** *O CORONEL PÁSSARO* (2007), de Hristo Boytchev  
Tradução e encenação de Fernando Mora Ramos  
Cenografia e figurinos de José Carlos Faria

Na cena: Isabel Lopes e José Eduardo  
Fotografia de João Tuna

**5** *WEISMAN E CARA VERMELHA* (2008), de George Tabori  
Encenação de Fernando Mora Ramos  
Cenografia e figurinos de José Carlos Faria  
Na cena: Bárbara Andrez, Fernando Mora Ramos e Carlos Borges  
Fotografia de Paulo Nuno Silva

**6** *LETRA M* (2009), de Johannes von Saaz  
Encenação de Fernando Mora Ramos  
Dispositivo cénico, pinturas e figurinos de João Vieira  
Na cena: Paulo Calatré e António Durães  
Fotografia de Paulo Nuno Silva

**7** *A MORTE DO DIA DE HOJE* (2010), de Howard Barker  
Encenação de Fernando Mora Ramos e João Cardoso  
Cenografia de Cissa Afonso  
Na cena: Fernando Mora Ramos e João Cardoso  
Fotografia de Paulo Nuno Silva

**8** *DRAMOLETES 1* (2010), de Thomas Bernhard  
Encenação de Fernando Mora Ramos

Dispositivo cénico de Fernando Mora Ramos com a colaboração de António Canelas e Filipe Lopes  
Na cena: Isabel Lopes e Carlos Borges  
Fotografia de Paulo Nuno Silva

- 9** *DRAMOLETES 2* (2011), de Thomas Bernhard  
Encenação de Fernando Mora Ramos  
Dispositivo cénico de Fernando Mora Ramos com a colaboração de António Canelas e Filipe Lopes  
Na cena: Victor Santos e Elisabete Piecho  
Fotografia de Margarida Araújo



Concepção e organização: Fernando Mora Ramos

Seleção de elementos cenográficos, materiais cénicos, adereços, fotografias e desenhos: Fernando Mora Ramos, com a colaboração de Ana Pereira e José Carlos Faria

Montagem: Direção de Joel Pereira, com o apoio de Pedro Machado, Raquel Capitão e Rebeca Vendrell

Produção executiva: Rebeca Vendrell com o apoio de Mariana Santos\*, Carlota Rodrigues\*\*, Mariana Silvério\*\* e Nando Tomás\*\*

Comunicação: Henrique Manuel Bento Fialho, Nuno Machado e Mariana Santos\*

Design gráfico: José Serrão

Acompanhamento da exposição: Inês Barros, Mafalda Taveira, Nuno Machado, Rebeca Vendrell, Mariana Santos\*, Carlota Rodrigues\*\*, Mariana Silvério\*\* e Nando Tomás\*\*

Secretariado: Teresa Almeida

\* Estagiária do Curso de Comunicação Social da Escola Superior de Educação de Viseu.

\*\* Estagiários da Licenciatura em Teatro da ESAD.CR.